



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NO ATIVISMO POLÍTICO EM MOÇAMBIQUE: Mobilização, Desafios e Impactos¹

Júnior Rafael

Julian Andrey Muniz de Medeiros

Universidade Federal de Santa Maria-Mestrando-POSCOM

Universidade Federal de Santa Maria-Doutorando-POSCOM

RESUMO

Este estudo analisa o papel das redes sociais no ativismo político em Moçambique, destacando estratégias de mobilização, desafios como censura e exclusão digital, e seus impactos. Com base em revisão bibliográfica e abordagem dedutivo-hermenêutica, investiga-se como essas plataformas influenciam a participação política em um contexto de desigualdade digital e democracia em consolidação. Os resultados apontam que, apesar da repressão e do acesso limitado, o ativismo digital fortalece a luta por direitos. Conclui-se pela necessidade de políticas públicas que assegurem liberdade de expressão online e ampliação do acesso à internet.

Palavras-chave: Ativismo digital; redes sociais; mobilização política; Moçambique; exclusão digital.

1 INTRODUÇÃO

A transformação digital tem reconfigurado dinâmicas políticas, sociais e económicas globalmente, e Moçambique participa desse processo. O crescimento no acesso à internet e à telefonia móvel, aliado à popularização de dispositivos digitais acessíveis, tem impulsionado o uso das redes sociais, abrindo novos espaços para o engajamento político (Internet World Stats, 2023). Nesse contexto, destaca-se o ativismo digital como ferramenta de mobilização, conscientização e pressão por mudanças.

Historicamente, o ativismo político moçambicano esteve ligado aos movimentos de libertação e à consolidação democrática pós-guerra civil. Com o avanço das tecnologias digitais, o ativismo migrou progressivamente para o ambiente online, especialmente nas redes sociais, que têm papel central na organização de protestos e circulação de informações (Forquilha, 2020). Contudo, a

¹ Trabalho apresentado no GT3 – Redes sociais e ativismo midiático da XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

realidade moçambicana é marcada por limitações como desigualdade no acesso à internet, censura e repressão.

Assim, este estudo propõe-se a analisar como as redes sociais influenciam o ativismo político em Moçambique, com foco nas estratégias de mobilização, desafios enfrentados e impactos sociais. Os objetivos específicos são: i) analisar estratégias de mobilização via redes sociais; ii) identificar desafios como censura, exclusão digital e repressão política.

A relevância do tema justifica-se pela sua atualidade e importância social, visto que a democracia moçambicana ainda está em processo de consolidação. Além disso, há escassez de estudos específicos sobre o ativismo digital no país, o que reforça a originalidade e contribuição desta pesquisa.

A metodologia adotada é bibliográfica, apoiada na revisão crítica de literatura sobre ativismo político e redes sociais, com foco no contexto moçambicano (Gil, 2019). Utiliza-se o método dedutivo-hermenêutico, partindo de conceitos gerais para a análise específica do caso moçambicano (Flick, 2018). A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: revisão teórica global, levantamento de dados sobre Moçambique e análise crítica dos resultados. As fontes priorizadas são atualizadas, credíveis e contextualizadas.

2. Referencial Teórico

O ativismo, conforme Tarrow (2011), é uma ação coletiva que visa mudanças estruturais, mobilizando recursos e redes sociais. Com a internet, surgiu o ativismo digital, que potencializa o alcance das mobilizações e amplia a visibilidade das lutas (Joyce, 2019; Castells, 2015).

A mobilização política, entendida como esforço coletivo para influenciar decisões, ganha novo fôlego nas redes sociais, especialmente entre jovens e grupos marginalizados (Norris, 2020; Van Dijck, 2018). Essas plataformas se tornam espaços cruciais para engajamento e construção de comunidades virtuais.

No caso de Moçambique, destaca-se a atuação de figuras como Venâncio Mondlane, que utiliza estratégias digitais para planejar manifestações, incluindo fases como preparação, ação intensificada e "Turbo V8"², que articula mobilização massiva por redes sociais. Suas visitas às

² A expressão "Turbo V8" foi utilizada por Venâncio Mondlane, principal líder da oposição nas eleições moçambicanas de 2024, para designar uma fase intensificada da mobilização popular após a contestação dos resultados eleitorais. O termo, com conotação de aceleração e potência, simbolizou o chamado a uma resistência mais incisiva contra a alegada fraude eleitoral. A convocação para essa fase resultou em uma onda de manifestações marcadas por violência, repressão policial, destruição de infraestrutura e mortes, incluindo a fuga de mais de 1.500 presos de uma prisão de máxima segurança.

comunidades, amplificadas via WhatsApp, mostram o poder de impacto imediato e a eficácia comunicacional desse ativismo.

A Primavera Árabe (2010–2012) e o movimento #EndSARS na Nigéria (2020) são exemplos globais do impacto das redes na mobilização (Howard & Hussain, 2013; Akinwotu, 2020). Contudo, autores como Morozov (2019) alertam para o "ativismo de clique", enquanto Zuboff (2019) denuncia o uso de redes para vigilância e repressão.

Em Moçambique, as eleições de 2019 marcaram a presença das redes sociais na denúncia de irregularidades e na mobilização do eleitorado (Forquilha, 2020). No entanto, desafios como baixa literacia digital e desinformação comprometem o potencial das redes (Salgado, 2020).

Segundo o Datareportal (2024), Moçambique contava com 7,96 milhões de usuários de internet (23,2% da população), dos quais 3,2 milhões são usuários de redes sociais, com o Facebook na liderança. Esse cenário demonstra um terreno fértil para o ativismo digital, embora persistam desafios estruturais.

Durante as eleições de 2024, plataformas como WhatsApp, Facebook e TikTok foram amplamente utilizadas por jovens para organizar protestos e campanhas (VIDA NOVA, 2025). A internet tornou-se ferramenta essencial para transformar o cenário político, mesmo diante da resistência de setores mais conservadores. A capacidade de se comunicar de forma autêntica e digitalmente eficiente tornou-se determinante para a relevância política no país.

3. Análise e Discussão

As redes sociais têm sido fundamentais para denunciar corrupção, mobilizar protestos e ampliar o engajamento político em Moçambique. Hashtags como #JustiçaParaMoçambique e #eunãopagoasdívidas viralizaram, exigindo responsabilização em casos como o das dívidas ocultas (Hanlon, 2018). Castells (2012) destaca que a comunicação em rede promove uma cidadania contestadora.

Protestos contra o aumento do custo de vida, organizados via Facebook e WhatsApp, resultaram na retirada do IVA³ sobre produtos essenciais. Contudo, o governo tem reagido com repressão e bloqueios de internet (Human Rights Watch, 2021), num padrão que se repete em regimes autoritários (Tufekci, 2017).

O Facebook, antes usado majoritariamente para entretenimento, passou a ser um espaço de debate cívico e organização política. Jovens usam essas plataformas para denunciar abusos e pressionar por mudanças. No processo eleitoral, redes sociais foram usadas tanto para promover

³ Imposto de valor acrescentado nos produtos da primeira necessidade, ou a cesta básica.

candidatos quanto para denunciar fraudes, contribuindo para o monitoramento cívico (CIP, 2019; Amnesty International, 2019).

As redes também empoderaram grupos marginalizados, funcionando como megafones para causas invisibilizadas (Tufekci, 2017). Movimentos estudantis e organizações civis têm usado esses espaços para exigir transparência e reformas. Em alguns casos, a pressão digital levou à abertura de investigações e demissões de figuras públicas implicadas em corrupção (Hanlon, 2020; CIP, 2019).

Campanhas como "Vota Consciente" incentivaram a participação eleitoral crítica, contribuindo para a educação política (CIP, 2022). No entanto, iniciativas como a proposta de Lei de Comunicação Social (2018) e a atuação do GABINFO⁴ ameaçam a liberdade de expressão online (Amnesty International, 2019). O GABINFO, criado para regular a comunicação, tem sido criticado por atuar de forma politizada, promovendo censura e interferência em mídias independentes.

O fenômeno das fake news é outro desafio relevante. Nas eleições de 2019, notícias falsas influenciaram o debate público, exigindo a atuação de organizações como o CIP na verificação de informações (CIP, 2019).

A exclusão digital, principalmente nas zonas rurais, compromete o alcance do ativismo. Apenas 20% da população rural possui acesso regular à internet (INE, 2021), o que acentua desigualdades e limita o exercício da cidadania digital (Hanlon, 2020).

4. Considerações finais

As redes sociais têm redefinido a participação política em Moçambique, proporcionando ferramentas eficazes de mobilização e engajamento. Elas permitem transpor barreiras da mídia tradicional, ampliando vozes e criando espaços de contestação (Castells, 2015). No entanto, desafios como censura, desinformação e exclusão digital limitam esse potencial (Tufekci, 2017).

Com o avanço da conectividade, o ativismo digital tende a crescer. Tecnologias emergentes como IA e blockchain podem reforçar a transparência e organização dos movimentos, mas exigem atenção aos riscos de vigilância e manipulação (Howard et al., 2019).

Recomenda-se a formulação de políticas públicas que garantam liberdade de expressão online e ampliem o acesso à internet. A alfabetização midiática é essencial para combater fake news e fortalecer a democracia (Benkler, 2018; Unwin, 2020). O futuro do ativismo digital em Moçambique depende da superação desses desafios e do compromisso com uma inclusão digital ampla e democrática.

Referências

⁴ Gabinete de Informação que regula a comunicação em Moçambique e tutelada no gabinete do primeiro ministro.

- AKINWOTU, E. **#EndSARS**: How a hashtag ended Nigeria's police unit. *The Guardian*, 2020.
- AMNESTY INTERNATIONAL. **Freedom of expression in Mozambique**. 2019.
- BENKLER, Y. **The wealth of networks**: How social production transforms markets and freedom. New Haven: Yale University Press, 2018.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CASTELLS, M. **Networks of outrage and hope**: Social movements in the internet age. Cambridge: Polity Press, 2015.
- CIP – CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA. **Monitoramento eleitoral e fake news em Moçambique**. 2019.
- CIP – CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA. **Vota consciente**: Mobilização digital para a cidadania. 2022.
- FORQUILHA, S. **Ativismo digital em Moçambique**: Desafios e oportunidades. Maputo: Centro de Estudos Sociais, 2020.
- FORQUILHA, S. **Eleições e redes sociais em Moçambique**. Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (IESE), 2020.
- HANLON, J. **Mozambique's hidden debts**: The crisis and its consequences. 2018.
- HANLON, J. **Accountability and corruption in Mozambique**. 2020.
- HOWARD, P. N. et al. **The global disinformation order**: 2019 global inventory of organised social media manipulation. Oxford: Oxford Internet Institute, 2019.
- HUMAN RIGHTS WATCH. **Mozambique**: Digital repression and online activism. 2021.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Relatório sobre acesso à internet em Moçambique**. 2021.
- INTERNET WORLD STATS. **Internet usage statistics for Africa**. 2023. Disponível em: <https://www.internetworldstats.com>. Acesso em: 10 out. 2023.
- JOYCE, M. **Digital activism decoded**: The new mechanics of change. Brussels: IDEBATE Press, 2019.
- MOROZOV, E. **The net delusion**: The dark side of internet freedom. New York: PublicAffairs, 2019.
- NORRIS, P. **Political mobilization in the digital age**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- SALGADO, S. **Social media and politics in Africa**. London: Routledge, 2020.
- TARROW, S. **Power in movement**: Social movements and contentious politics. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

TUFEKCI, Z. **Twitter and tear gas: The power and fragility of networked protest**. New Haven: Yale University Press, 2017.

UNWIN, T. **Reclaiming information and communication technologies for development**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity: A critical history of social media**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power**. New York: PublicAffairs, 2019.

VIDA NOVA. **Juventude conectada: O poder das redes sociais na mobilização política em Moçambique**. 2025. Disponível em: <https://vidanova.org.mz/2025/02/20/juventude-conectada-o-poder-das-redes-sociais-na-mobilizacao-politica-em-mocambique>. Acesso em: 22 jul. 2025.

DIÁRIO ECONÔMICO. **Quantos moçambicanos têm acesso à internet e quais são as redes sociais mais populares?** 2024. Disponível em: <https://www.diarioeconomico.co.mz/2024/05/08/trends/quantos-mocambicanos-tem-acesso-a-internet-e-quais-sao-as-redes-sociais-mais-populares>. Acesso em: 22 jul. 2025.